



Estética sustentável

Colecionador de prêmios recebidos por projetos realizados dentro e fora do país em quatro décadas, o arquiteto Arthur Casas fala de sua trajetória e da relação de suas obras com as cidades e as pessoas

Por MARILENA DÉGELO
Retratos GUI GOMES

A harmonia dos tons sóbrios e o diálogo entre todos os elementos passam o conforto que acolhe logo ao entrar nos espaços projetados pelo arquiteto Arthur Casas. Com o espírito modernista contemporâneo brasileiro, o paulistano moldou sua linguagem atemporal e cosmopolita, consagrada em obras realizadas em várias cidades do planeta, como Nova York e Paris. Influenciado por seu pai, que construía casas e o levava para visitar os canteiros de obra na infância, ele descobriu cedo sua vocação profissional. “Com oito anos, eu criava projetinhos”, conta o arquiteto, que já se preocupava na época com a integração dos ambientes internos e externos, em especial com o verde.

Formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, há quase 40 anos, Arthur começou a trabalhar em uma construtora de casas pré-fabricadas e, recentemente, criou produto semelhante, o sistema modular Syshaus, como resposta às questões ecológicas. “Meu trabalho é sustentável esteticamente”, diz. Crítico de arquitetos brutalistas, ele considera que os projetos não devem seguir modismos ou buscar apenas o gesto dramático e espetacular. Os espaços devem ser vivos, acolhedores, flexíveis e interativos. “A função da arquitetura é trazer felicidade”, afirma. Em seu processo criativo, Arthur pensa em todas as escalas da arquitetura e do mobiliário, desenhando até os menores objetos. Esse cuidado na concepção de mais de 200 obras já lhe rendeu muitos prêmios no país e no exterior. A seguir, a entrevista exclusiva que ele concedeu para a revista **Casa e Jardim**.

Quais são suas lembranças da casa onde cresceu?

A casa de que eu mais lembro é uma que meu pai construiu na City Lapa, que é bairro Zona 1, 100% residencial, em São Paulo, e determina alguns conceitos que revi na vida. Aproveitei bem minha infância porque eu tinha a percepção de segurança naquela época. Havia furto, mas não latrocínio. Dificilmente as casas tinham muro, no máximo um gradil baixo ou alto. Hoje, por conta da segurança, a percepção de bairro ideal é aquele que você desce do apartamento e pode andar na rua. De fato é, mas antes em uma casa tinha a sensação de privacidade, que agora não tenho em meu apartamento. Se quiser colocar uma esteira, não posso. Então, não existe uma forma de morar bem, mas várias, desde que passem a sensação de segurança que só se tem dentro de apartamento. Não dá para ser contra a Zona 1, que sempre funcionou. Mas as pessoas não querem morar em bairros 100% residenciais por falta de segurança.

Seu pai influenciou na escolha da sua profissão?

Meu pai não era arquiteto nem engenheiro. Ele tinha uma fábrica de plástico, mas fazia sobrados geminados para vender. Aos sábados, me levava para ver suas obras. Eu achava os projetos horrorosos. Como eu era pequeno,

ele não dava atenção quando eu falava para inverter: colocar a cozinha na frente e a sala no fundo. Os sobradinhos tinham 5 m de frente e instalavam um toldo para cobrir o carro que bloqueava a luz natural na sala. Eu já enchia o saco contra isso. Saímos para visitar as obras de outras pessoas em Alto de Pinheiros para ver como estavam construindo, quais acabamentos usavam. Acompanhei as mudanças de linhas na arquitetura. Nos anos 1960, tinha casas de concreto. Frequentei algumas de amigos e vi que não funcionavam direito. Eram quase esculturas, frias no inverno e quentes no verão. Não tinham acústica, tudo virava eco. Eram interessantes na teoria, não na prática. Não a casa onde eu morava, que era de classe média alta, relativamente moderna com desniveis, mas com telhado de barro.

O interesse em arquitetura vem desde criança?

Com oito anos, eu já criava projetinhos. Aos 11, desenhei a planta baixa de uma casa interessante, que eu faria agora, porque tinha distribuição que até hoje me agrada. Eu colava a sala e o jardim nos fundos e a garagem e a cozinha na frente. Foi uma sorte ter descoberto rápido a profissão.

Quais são suas referências profissionais?

Minha família não tinha nível de cultura a ponto de falar

Inspirado nas curvas da paisagem carioca, o arquiteto criou os cobogós em painéis metálicos com fibra de vidro para a fachada do Hotel Emiliano, em Copacabana, projetado por ele em 2017. Na cobertura, a piscina tem borda infinita. Abaixo, Arthur fez uma reforma ampla na residência de seis andares, estilo brownstone, em Nova York, em 2019. A integração dos ambientes e os tons neutros predominam na suíte do casal



Fernando Guerra/Divulgação

“A função da arquitetura é trazer felicidade, que está ligada à luz natural, à relação com o verde e entre as pessoas.”

Arthur Casas

sobre Vilanova Artigas ou Paulo Mendes da Rocha. Minhas referências de nomes da arquitetura vieram na faculdade. Como estudante, você tem relação com esses nomes como se fossem deuses. Acha todos geniais; uns são, mas não todos. Quando começa a trabalhar, você humaniza essas criaturas que endeusava. É importante romper essa barreira, inclusive quando se fala deles, porque, no fim das contas, é apenas um dom fazer arquitetura e ser um bom arquiteto, como fazer medicina e ser um bom médico. Simples assim.

O que precisa para ser um bom arquiteto?

Muita observação. Estar sempre bem informado sobre o que acontece no mundo. Saber tudo dos materiais, das tecnologias. Não se apropriar do que o outro fez por ele ser famoso ou não. Na arquitetura brasileira moderna, da qual orgulhosamente faço parte, vejo muitas pessoas se apropriando quase 100% do que o outro faz. É legal? Não sei. A pessoa só vai ser bom arquiteto, bom designer, quando se apropriar apenas do que interessa e dialoga com seu trabalho. Isso faz a pessoa ficar madura profissionalmente.

Quem é sua principal influência na profissão?

O arquiteto Frank Lloyd Wright está no topo da montanha. Aprendi sobre arquitetura lendo os livros dele. Na infância, frequentei Brasília pois meu tio morava lá. Para uma criança, ver a construção de uma cidade me deixou bem empolgado. Eu pensava: “Olha o poder que você pode ter sendo um arquiteto. Decide como as pessoas vão morar!”. Meu tio contava que, em Brasília, a entrada das casas era por um jardim em comum, e os carros entravam pela rua de trás. Achava genial a imagem da praça no meio das casas, que se comunicavam. Imaginava as crianças saindo de

casa e, em vez da rua onde passam carros, ter um gramado para jogar futebol, brincar, andar de bicicleta, sem o tráfego de carros. Essas imagens na cabeça vão te formando desde que você tenha seu olhar, seu dom, focado naquilo.

Onde busca inspiração para criar seus projetos?

Na observação e na investigação. Na observação, acho bonito ou feio. Na investigação, vou atrás do que me interessa. No início da carreira, meus mestres de design e arquitetura não eram brasileiros. Eram o suíço Mario Botta e o finlandês Alvar Aalto. Depois comecei a olhar para o modernismo de Paulo Mendes da Rocha e Decio Tozzi, que eram brutalistas. Olhava criticamente para o que faziam. Quando comecei a trabalhar, aos 19 anos, eu não usava o mobiliário brasileiro. Fui conhecer o design nacional aos 28 anos. Mas eu entendia muito de art déco, conhecia bem o móvel europeu, pois era o que me interessava na época.

E você encontra inspiração em outras áreas?

Nas artes plásticas. Quando conhece arte, você consegue identificar os momentos e as tendências que se encaixam em uma época. Se olhar o que aconteceu nos anos 1960 em arquitetura, arte e moda, entende que tudo conversava. Em meu processo criativo, a música é muito importante, mas não sou um eruditó. No escritório, gosto de ouvir MPB, que conheço mais do que a maioria das pessoas. Tenho erudição em outras áreas; um pouco em artes plásticas.

Como os projetos ajudam as pessoas a viver bem?

Temos aqui no escritório a frase: “a função da arquitetura é transformar a vida das pessoas”. E de fato é. Posso fazer o projeto de sua casa como meu gesto arquitetônico, para meu prazer. E não importa se você será feliz lá dentro,





“Crio edifício que passa afetividade para quem mora nele e para quem passa pelo lugar. Quero relação suave do objeto arquitetônico com as pessoas ao redor.”

Arthur Casas

se vai se separar do marido, se seus filhos vão ter depressão. Não! A arquitetura tem de identificar o quanto pode melhorar sua vida, a de sua família, de seu gato. Como as pessoas vão interagir e ficar segregadas nos momentos que querem ficar sozinhas. E como a luz vai entrar. A pior coisa é estar em uma casa escura. A casa Millán, de Paulo Mendes da Rocha, é maravilhosa, mas não tem janela na sala. Como alguém pode ser feliz em uma casa sem janela na sala? É o exemplo clássico de um projeto que não deu certo para os moradores. Mas está em todos os livros de arquitetura do mundo. Foi bom para Paulo, não para quem morou lá. Meu amigo foi infeliz nessa casa. Ele comprou uma escultura porque a luz entra pelo teto e a sala não tem contato com o verde, que, está provado, traz felicidade. E a função da arquitetura é trazer felicidade, que está ligada à boa iluminação, à relação com a natureza e entre as pessoas.

A pandemia mudou o modo de morar?

Mudou, não sei por quanto tempo. É uma mudança que vinha acontecendo no sentido de a casa não ser para a visita, mas para se viver. Até há pouco tempo, se fazia uma grande sala linda, com peças de arte, que o morador nunca usava. Era só para mostrar aos outros. A casa tinha que ter imponência com pé-direito alto. Não porque era agradável para a família, mas para o cliente mostrar que tinha poder. A pandemia veio chancelar essa mudança na forma de usar a casa e de pensar em não viver com esse exibicionismo.

Como melhorar a arquitetura das cidades?

Antes de falar da arquitetura, temos de falar da segurança. Por que a rua Augusta está esvaziada? Quando eu era criança, minha mãe me levava para passear nessa rua, que era até acarpetada na época do Natal. Hoje, se a cidade não te passa a sensação de segurança, não adianta aprovar leis que obriguem a fazer espaços públicos para as pessoas usarem. Se você for uma vez na rua Oscar Freire, que é plana, tem fios embutidos, calçada legal, lojas melhores, mas presenciar um assalto, não vai mais. Prefere ir ao shopping.

Prédios com fachada ativa seriam a solução?

Acho legal. Mas não adianta colocar comércio no térreo dos edifícios residenciais se não tiver segurança na região. Há uma lei em São Paulo que obriga a fachada ativa em todos os prédios a 500 metros das estações de metrô. A ideia é ter menos garagem para fazer o morador usar o transporte público. Na teoria, a lei é boa, mas na prática não funciona: tanto é que tem milhares de apartamentos de 25 m² sem

garagem à venda na cidade. Gosto de prédio com fachada ativa, mas nada vai mudar se não resolver o problema de segurança, como aconteceu em Nova York nos anos 1980. Ninguém quer ser abordado por usuário de crack.

Qual cidade pensa em construir quando projeta?

Gosto de criar edifício que passe afetividade para as pessoas que moram nele e, sobretudo, para quem passa pelo lugar. Quero uma relação suave do objeto arquitetônico com as pessoas que estão em volta. É claro que será incômodo para os vizinhos que vão perder a vista e para outros onde fará sombra. Como minimizar essa relação? Quando deixarem de pensar “meu edifício, minha casa, meu negócio, e não importa o resto”, vai melhorar. Antes os prédios tinham uma fachada, no máximo duas. Digo aqui que um edifício tem quatro fachadas, e todas têm que ser bacanas.

Qual é sua preocupação com a sustentabilidade?

A ex-senadora Marina Silva disse que ela é sustentável até na estética. Então, meu trabalho é acima de tudo sustentável esteticamente. Provoca na pessoa a vontade de ser mais ligada à natureza e de fazer escolhas diferentes. O que cabe a mim é criar essa arquitetura que tem estética e diálogo com o verde e que faz as pessoas refletirem sobre isso. É claro que me preocupo com a sustentabilidade. Minha casa é abastecida com energia solar até por questão de economia. Faço projetos sofisticados para a classe A



Eduardo Macarios/Divulgação



Alessandro Gruetzmacher/Divulgação

Entrada do condomínio residencial Ícaro, em Curitiba, projetado por Arthur em 2019, que recebeu o IF Design Award. As três torres têm varandas em todo o perímetro com o máximo de luz natural e floreiras que dão identidade e privacidade. Ao lado, peças desenhadas pelo arquiteto: abajures de cerâmica, da Studio Objeto; aparador Willys e cadeira Max, da +55 Design

Fernando Lászlo/Divulgação



Filippo Bambergi/Divulgação



Fernando Guerra/Divulgação



Fernando Guerra/Divulgação

com estética que não estimula o consumo excessivo.

Quais as expectativas sobre novas tecnologias?

Tem muita coisa por vir. Projetamos um edifício residencial com o fechamento todo de náilon, material lavável igual ao usado em persianas de janelas. Isso é tecnologia. Agora as construções estão muito atrasadas. Estamos quase na metade do século 21 e, por questão de custo, criamos obras fora de nosso tempo. No Brasil, e mesmo no exterior, a obra é suja. O concreto armado é lindo, é moderno? Não é. Na construção gasta-se muito material, água, tempo atrapalhando vizinhos e quem passa na rua, gente morando nos canteiros de obra. Isso precisa mudar. A construção tem que ser mais rápida e limpa. O avanço lógico seria a estrutura metálica. Como o metal subiu, volta-se ao concreto.

O que acha das casas modulares?

Meu primeiro estágio foi em uma construtora de casas

pré-fabricadas. Minha cabeça pensa modularmente. Há alguns anos fomos convidados por uma empresa para projetar casas modulares. Criamos a Syshaus como resposta para a questão da economia de água, da rapidez e de não ter canteiro de obra. A casa é feita dentro da fábrica como se fosse um automóvel, em uma linha de produção, e só é montada no terreno. Demorou para pegar, porque era cara, e as pessoas comparavam com as casas de alvenaria. A Syshaus é uma casa sólida, feita de drywall, com fibra de mamona. É sustentável porque dá para ser montada e desmontada onde quiser. Se enjoar dela, todo o material é reciclável. Diferente de uma casa de alvenaria ou concreto, que, se derrubar, joga-se tudo fora, e não sei o que fazem com o entulho. Como produto arquitetônico ou de design, a Syshaus é bem bonita, mas tem limitações porque é modular. Mas imagine: eu tenho um terreno lindo no alto da

serra. Chamo um pedreiro para construir uma casa? Não. Compro uma casa que vai ser instalada lá em um mês.

Há quanto tempo realiza projetos no exterior?

Durante 20 anos mantive um escritório em Nova York. Eu me identificava com a cidade e inventei de fazer obras lá. Fechamos por causa da pandemia. Mas ainda realizamos muitos projetos fora do país. Estamos com a construção de um hotel na Croácia, uma casa em Londres, um projeto em Miami e outro na costa oeste dos Estados Unidos, entre outros. Hoje não tem mais fronteira nem para mim nem para outros arquitetos. Se você divulga na internet, pessoas do mundo inteiro olham seu trabalho. Quem gosta te contrata.

Quais os desafios de fazer projetos fora do país?

Nenhum. É só seguir a legislação e os sistemas construtivos do lugar. Isso se resolve com um arquiteto local. Há pequenas particularidades. Por exemplo, em uma casa em Palo Alto, Califórnia, coloquei a porta de entrada na lateral, e a vizinhança vetou. Lá a porta precisa ser na frente. Não é lei da cidade, mas da vizinhança, que pode interferir. Gosto de fazer projetos no exterior porque me coloca em contato com a cultura e os sistemas construtivos locais. Mas não mudo meu trabalho. A linguagem é a mesma.

Gosta de desenhar em todas as escalas?

Sim. Quando comecei nos anos 1980, eu fazia mais interiores. As casas eram todas neoclássicas, e eu me recusava a projetar nesse estilo. Esperei o mercado ir para a arquitetura que dialoga com o que acredito. Hoje projeto muitas casas e prédios e desenho tudo: da maçaneta aos talheres. Antigamente não era comum arquiteto brasileiro fazer interiores porque não era o que se ensinava na faculdade. Muitas vezes não entendiam de proporção: a altura da mesa ou o tamanho do sofá. Dominar tudo é importante. Há 20 anos, se chamava um arquiteto e um decorador. Agora, se isso acontece, penso: onde eu paro e onde ele começa; como será a conversa para o projeto virar uma coisa só.

O que você ainda quer projetar?

Adoraria desenhar um museu, um teatro bacana, uma escola, um hospital. Tenho vontade de fazer espaços públicos. Mas não tem essa demanda no Brasil. Os arquitetos europeus são pagos para entrar em concursos, e 90% do trabalho deles é projetar lugares públicos. Aqui é zero. Recentemente fomos convidados para desenvolver projetos urbanísticos para a reforma da Praça da Sé, em São Paulo, e para o Pelourinho, em Salvador. ■

“A pandemia só veio chancelar a mudança na forma de usar a casa e de pensar em não viver com exibicionismo.”

Arthur Casas

